



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do CTBE – Laboratório Nacional de Ciência e
Tecnologia do Bioetanol**

Campinas - SP, 22 de janeiro de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra;

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil;

Ministro Sergio Machado Rezende, da Ciência e Tecnologia, e ministro
Alexandre Padilha, de Relações Institucionais;

Senador Eduardo Suplicy;

Deputada Federal Aline Corrêa, deputado federal Guilherme Campos;

Meu caro magnífico Fernando Costa, reitor da Unicamp;

Doutor Hélio de Oliveira Santos, prefeito de Campinas. Eu acho chique
chamar de Magnífico Reitor;

Meu caro Rogério Cezar de Cerqueira Leite, diretor-geral do Centro
Nacional de Pesquisa e Energia de Materiais;

Senhor Marco Aurélio Pinheiro, diretor do Laboratório de Ciência e
Tecnologia do Bioetanol;

Senhor Antonio José Roque da Silva, diretor do Laboratório Nacional de
Luz Síncrotron;

Meu caro Kleber Gomes Franchini, diretor do Laboratório Nacional de
Biociências;

Meu caro José Geraldo Eugênio de França, vice-presidente da Embrapa;
Companheiros e companheiras,

Eu estou com um discurso que não fica em pé aqui, então eu não vou ler
o meu discurso. Eu vou repetir uma coisa que eu digo sempre. Eu não gosto de
ler nominata, mas eu falei para o Serra: a tua nominata não está muito grande?



Ele falou: “É, mas se a gente não falar, as pessoas ficam chateadas”. E é verdade. Se, às vezes, tem um deputado e você não cita o nome dele, quando você vai precisar de um voto, ele fala: “É, você nem citou meu nome, agora você quer meu voto”. E é assim que funcionam as coisas. Um secretário fala: “É, ele agora quer que eu trabalhe rápido, mas não citou meu nome”. Ministro, a mesma coisa. Então, eu vou citar daqui para frente, toda vez. Mas tem dia que tem mais gente no palanque do que gente assistindo e, às vezes, não é permitido a gente citar todo mundo.

A segunda coisa é que vocês sabem que o Presidente tem uma fábrica de produzir discurso, não é? Mas eu acho que é o mesmo que produz para o Sergio Rezende e para a Dilma, porque os discursos estão mais ou menos iguais. Mas eu também não ia falar do Laboratório e não ia falar no meio de tanta gente importante, tanta gente sabida da ciência, não vou eu aqui me meter a falar do Laboratório.

Eu quero dizer para vocês outras coisas importantes. Eu perguntei para o Rogério quantos anos ele tinha. Ele tentou se esquivar, mas percebeu-se que ele tem mais de 60. E eu falei: Quantos anos você quer viver? Ele falou: “mais uns 30”. Então, eu peço a Deus que você viva mais os 30 que você quer viver e que eu viva, pelo menos, mais 15. Porque eu sou muito pragmático com relação à questão da vida. Depois dos 60, eu sei que o limite... Nem todo mundo é Oscar Niemeyer, mas eu sei que o limite. A média, como é 75... A gente pode viver de ilusão, mas um dia a casa cai.

Mas eu penso que toda essa geração que está aqui, toda essa geração que está aqui e, certamente, todos vocês irão ver que nos próximos 20 anos o Brasil passará por uma transformação excepcional. Eu estou convencido disso, porque quando algumas instituições financeiras e de fomento do mundo começam a dizer que o Brasil precisa se preparar porque, em 2016, o Brasil poderá ser a quinta economia do mundo, é importante que a gente esteja preparado para isso. É muito importante que a gente esteja preparado para que o Brasil ganhe uma importância econômica que nós já poderíamos ter obtido



se não fosse a megalomania de que o Brasil não pode crescer acima de um determinado percentual. E também porque durante muito tempo não se quis investir em educação da forma que a educação precisava de investimento.

O Rogério, aos 78 anos de idade, vai ter o prazer de ver o que vai acontecer no Brasil nos próximos anos com os investimentos que foram feitos na educação neste país. Eu disse, hoje, que quando o Sergio Rezende foi fazer o PAC de Ciência e Tecnologia, que tem muita gente que participou da elaboração do PAC, eu disse que foi a primeira vez que eu vi a comunidade científica, por unanimidade, aprovar um programa com a consciência de que também aquele programa não era um programa do ministro Sergio Rezende como habitualmente acontecia no Brasil. O ministro faz um programa, que é muito mais um desejo pessoal seu, quando ele sai, entra outro ministro faz outro programa que é outro desejo pessoal, e você termina não tendo programa, você termina tendo teses acadêmicas dos ministros que vão se sucedendo. O programa que nós fizemos para o PAC não é um programa do Sérgio Rezende. Ele não controla esse programa, porque a comunidade científica está inclusive controlando a aplicação dos recursos do PAC de Ciência e Tecnologia. E eu acho que essa é uma coisa importante que acontece no Brasil.

Da mesma forma, os investimentos na educação: se o Congresso Nacional aprovar a última universidade que falta a gente criar, que é a Universidade Luso-Afro-Brasileira, na cidade de Redenção, no estado do Ceará, para que a gente tenha 5 mil estudantes africanos estudando no Brasil, junto com os brasileiros; ensinar aquilo que é necessário ensinar, e prioridade para a África, junto com a Unila, que foi aprovada e sancionada semana passada, para 5 mil professores, 10 mil alunos, 5 mil brasileiros, 5 mil latino-americanos, currículo latino-americano, professores meio a meio. Ou seja, para a gente poder transformar a integração em políticas de Estado, na formação de quadros para a integração, e a gente então dar um salto de qualidade que este país, que tem um papel de liderança na América Latina, natural, exerça a sua



liderança oferecendo, aos mais pobres do que ele, as oportunidades que eles não têm. Esse é o papel de um país do tamanho do Brasil.

Portanto, nós vamos chegar, com a aprovação dessa – já temos 13 universidades federais novas –, os reitores aqui presentes sabem, são 105 extensões universitárias espalhadas pelo Brasil, e uma coisa sagrada é que muita gente, muita figurinha carimbada das universidades brasileiras, que antes ficavam ou no Rio de Janeiro ou em São Paulo – e em São Paulo, não apenas na USP, vinham aqui para a Unicamp –, hoje você encontra professores renomados brasileiros trabalhando em muitas cidades do interior deste país, porque a universidade está oferecendo oportunidade para que ele possa pesquisar. Outro dia, eu fui a Coari, a quase 300 km de Manaus, e encontrei um companheiro da SBPC, um grande pesquisador, trabalhando em Coari. Duas vezes por semana vai para Coari, porque está montando um laboratório da extensão universitária de Coari. É isso o que, na minha opinião, vai mudar a cara definitiva deste país. É isso. Ah, e aí as coisas têm que ser construídas, companheiros, em parceria. A gente não tem que ficar preocupado a que partido pertencemos, que time torcemos, que religião a gente professa, ou seja, não tem que se preocupar com isso. Nós temos que ter um programa que envolva as necessidades seculares deste país. Nós tivemos presidentes da República neste país que passaram o mandato inteiro e não fizeram uma única universidade. Então, a defasagem nossa é muito grande. Se cada um fizer quatro, se cada um fizer cinco, se cada um fizer seis, a gente vai atender as necessidades da demanda, que é muito grande.

E o que nós desejamos, na verdade? É fazer com que o Brasil inteiro tenha parte daquilo que São Paulo já tem. São Paulo pode ser centro de excelência porque é, há muito tempo, o estado mais rico da Federação. Mas você, quando pega os indicadores deste país, você começa a perceber: onde é que tem mais doutores? São Paulo. Onde é que tem mais mestres? São Paulo. Onde é que tem mais investimentos? São Paulo. Aí você pega: onde é que tem mais mortalidade infantil? No Nordeste. Onde é que tem mais determinada



doença? Ou melhor, no Nordeste, no Norte do País. Mais analfabetos? No Norte e no Nordeste. Onde tem mais doutores? Aqui no Sudeste. E lá você não tem, então é preciso levar essas regiões do País a estarem mais ou menos próximas do centro mais desenvolvido do País, para que esses estados possam crescer e essas cidades possam desenvolver.

É por isso que nós estamos fazendo essa quantidade de universidades e extensões universitárias: para dar desenvolvimento e perspectiva para o empresariado e para o estudante. O empresariado, porque quer investir, e o estudante porque tem onde estudar.

Eu participei da primeira formatura dos estudantes do ProUni e eu acho que essa foi uma revolução, uma invenção de um grande paulista chamado Fernando Haddad, filho de árabe, que conseguiu fazer uma coisa simples, e normalmente as coisas que parecem óbvias são as mais difíceis de fazer porque ninguém quer fazer o óbvio. Todo mundo quer inventar uma coisa espetacular e o óbvio, que é importante, vai ficando de lado. Ele inventou o óbvio: nós não tínhamos dinheiro para fazer todas as universidades que precisávamos, ele pegou, resolveu reduzir imposto das universidades privadas e transformar o equivalente ao imposto numa bolsa de estudo para os pobres da periferia. Já são 625 mil alunos, chegaremos a 720, este ano, alunos formados, o que eu acho que é uma coisa extraordinária porque é o pessoal que...

A contradição do Brasil é essa, não é? No ensino fundamental, o rico vai para a escola particular e paga até R\$ 2 mil, R\$ 1.500 de prestação. O pobre vai para a pública. E está melhorando, mas ainda vai tempo para melhorar. E, ao mesmo tempo, quando chega na universidade que o pobre deveria ir, quem vai é o rico e o pobre vai para a particular, que não pode pagar. Uma contradição absurda e isso era tido quase como uma naturalidade da (incompreensível) brasileira. Isso vai mudar. Pode ficar certo, Rogério, que você ainda vai viver para ver o resultado dos frutos que vai dar essa nova floresta de acreditar na educação como um investimento e não como um gasto.



E não adianta a gente querer imaginar que o Brasil vai ser grande se a gente não investir em pesquisa, e pesquisa, às vezes, é difícil. Você investe e o resultado (falha na gravação) nada. Mas se a gente não tivesse coragem de investir, a gente não estava achando o pré-sal.

Bem, esse é um dado importante e a importância desse laboratório é por isso: esse laboratório não vai competir com nenhum outro. Ele vai, exatamente, pesquisar aquilo que ainda não foi pesquisado. Acho fantástico, e acho fantástico que tira 100% de proveito do bagaço da cana. Só não pode explorar e esmagar o consumidor da cana, produzido pela cana, mas o resto vocês podem fazer o que quiserem.

Bem, por que eu sou um otimista inveterado? Eu tenho conversado muito com os usineiros brasileiros e... Teoricamente não era para eu conversar, porque nem eles gostavam de mim e nem eu deles. Não é que não gostavam: eles tinham medo de mim e eu tinha medo deles. E quis que eu, estando na Presidência da República... ainda no Sindicato de São Bernardo, a história vai mostrar que quem primeiro levantou a ideia da renovação da frota verde foram os trabalhadores na crise de 1990, que os trabalhadores propunham que todos os governantes comprassem carro a álcool para poder incentivar a indústria automobilística. Uma indústria automobilística que tinha 90% de carro a álcool e dez anos depois foi reduzido praticamente a zero. E que agora voltou a produzir 90% de carro *flex fuel*, permitindo que o álcool volte a ser considerado um componente importante na matriz energética brasileira.

Eu fui agora a Copenhague, no debate do aquecimento global, e lá a discussão ficou muito visível, Serra, mas muito visível que muitos países, muitos países que são importantes no debate público não estão querendo discutir a sério a questão do clima. Por que o que estava em jogo em Copenhague? De um lado, você tinha os Estados Unidos da América do Norte, que não são assinantes do Protocolo de Quito, querendo não assumir compromisso na diminuição da emissão de gás efeito estufa. E aí facilitava a vida dos países europeus que queriam sair do Protocolo de Quioto, que



estabelecia metas.

Então, era um compadrio. E utilizavam como instrumento a Índia para justificar... a China para justificar: nós temos que mudar porque a China não vai fazer. Ora, querendo que os chineses fossem tão responsáveis pelo aquecimento global quanto eles que têm 200 anos de Revolução Industrial nas costas e que, portanto, é preciso pagar o preço.

Depois, eles queriam mudar uma outra coisa grave que era o acordo-quadro, que definia claramente quem era que ia financiar. Eles queriam tirar porque o acordo dizia quem tinha que financiar e nós dizíamos não, tem que ficar, porque todos nós temos responsabilidades iguais, ou melhor, todos nós temos responsabilidades diferenciadas nesse processo.

Todos nós temos que resolver o problema, todo mundo vai ser responsável, mas a responsabilidade tem que ser diferenciada. Quem poluiu mais, paga mais e paga mais pelo sequestro de carbono também. Ou seja, foi naquele debate que me deu muito mais certeza de que é inexorável, eu pensei que não ia conseguir falar a palavra inexorável porque tem palavra difícil que, de vez em quando, a minha língua enrola. Mas é inexorável o álcool se transformar na grande, na grande matriz energética na área de combustíveis. Eu penso que não existe outro caminho, de primeira geração, de segunda geração, de terceira geração, de quarta geração. Invente a geração que quiser. Cada uma que eles inventarem, nós vamos na frente, porque nós temos estrutura, temos disposição e temos cientistas preparados para fazer a competição em igualdade de condições. O que precisa é os países ricos transformarem os seus discursos em prática; começarem a colocar, efetivamente, o etanol na gasolina deles; cumprirem o Protocolo de Quioto, porque aí nós vamos dar o salto de qualidade que nós precisamos.

Eu fui a Juiz de Fora esses dias – a Dilma ficou aqui – inaugurar a primeira termelétrica a etanol. Ela é a gás e a etanol. Pois bem. Só a Petrobras tem mais umas sete ou oito que podem fazer a conversão. Mas, pasmem, pasmem: a turbina é uma turbina de um jumbão 747, que faz a termelétrica



funcionar. Ora, se a turbina de um avião 747 pode fazer funcionar uma termelétrica, significa que o etanol pode fazer um bichão daqueles subir com as mesmas garantias que faz hoje.

Agora, eu queria dizer para vocês que é com esse otimismo que nós trabalhamos a questão do clima, a questão da mudança da matriz energética no mundo. E também uma coisa fica clara: ninguém pode dar lição ao Brasil, ninguém. Hoje não existe, no mundo – e não é com soberba, não; é com muita humildade –, não existe no mundo ninguém que venha dar lição ao Brasil sobre a questão ambiental, sobre a questão do clima. Quem quiser vir dar, primeiro faça a lição de casa para depois discutir conosco em igualdade de condições.

Agora, tem uma coisa que eu queria, eu queria dizer para vocês. Nós estamos vivendo um momento em que o álcool está subindo de preço. Há várias informações, governador, não sei se você sabe de todas os argumentos. Alguns empresários argumentam que... e mesmo o meu Ministério da Agricultura, que como houve excesso de chuva, houve impossibilidade de cortar praticamente 60 (falha na gravação) de cana que estão ainda plantadas, que não vai estragar; vai utilizar para a próxima safra. Trabalha-se com a possibilidade de que a safra agora vai ser maior do que a do ano passado e que, portanto, então você vai ter excesso de cana, excesso de álcool. Portanto, o álcool vai baratear. Diz também que o açúcar, que a Índia está comprando muito, e que, portanto, o preço do açúcar aumentou muito, é responsável apenas pela queda de 4% da produção de etanol.

Eu quero dizer aos empresários que estão aqui, e aos cientistas, e ao Serra, e a mim, e aos ministros, que não pode ser assim. O álcool quase acabou neste país porque não havia seriedade, nem havia um ajuste de conduta entre os empresários, o governo, os produtores e a indústria automobilística. E quando a gente tenta fazer do etanol um componente da matriz energética, é preciso que a gente tenha seriedade. Portanto, eu pedi para o ministro Guido Mantega, e o ministro Reinhold Stephanes, na semana que vem fazer uma reunião com o setor. Porque se a gente passar para o



mundo a idéia de que não estamos dando conta sequer do nosso mercado interno, porque o açúcar subiu de preço, nós não iremos levar o álcool, como pensamos que vamos levar, para vender no mundo inteiro.

Quero dizer aqui, com muito carinho, aos meus amigos empresários: a gente não pode estar com um pé no céu e outro no inferno, tem que estar com os dois pés no céu de uma vez. Ou seja, não dá para que quando o álcool esteja com um bom preço vocês sejam empresários energéticos, ou do setor de energia, e quando é o açúcar que está bom vocês voltam a ser empresários da agricultura. Não. É preciso que a gente estabeleça – nós vamos discutir com muita seriedade e com muita serenidade –, porque todo o trabalho de publicidade que nós estamos fazendo para que os europeus, os japoneses e os americanos introduzam 3%, 10%, 15% de etanol na gasolina vai ruir quando eles perguntarem para nós se nós garantimos a oferta, se nós temos competência para atendermos o mercado. Essa certeza, ou a gente dá, ou, realmente, nós vamos voltar a ter uma cara de desconfiança, como eles tinham conosco há vinte anos. Nós, inclusive, no governo, vamos discutir o mercado regulador. Nem o mundo pode acreditar e nem o povo brasileiro, que acreditou no *flex fuel*, pode ficar vulnerável, até porque o álcool não é interessante ser colocado no carro se ele estiver... se ele custar mais de 70% do preço da gasolina. O equilíbrio, me parece, que é 70%. Acima de 70%, coloque sua gasolina porque o álcool está caro.

Então, nós fizemos um trabalho imenso, os empresários fizeram, o governo fez, a indústria automobilística fez, certamente os cientistas fizeram, os governadores fizeram, para que o etanol virasse um componente seguro da matriz energética na área de combustíveis. Se isso começar a falhar, todos nós perdemos. Não tem quem se salve nisso. E como eu acho que o etanol é uma coisa gratificante para este país, e que no momento em que o mundo morria de medo do fim do petróleo, a gente teve a competência de criar a política do Pró-Álcool, eu acho que a gente não tem que ter retrocesso.

E este laboratório está mostrando, ao pesquisar aquilo que a gente não



tem pesquisado em outro lugar, que a gente pode dar o salto de qualidade. Se é verdade aquilo que o governador Serra diz que de [19]75 para cá, de [19]70, a gente cresceu 40% na produção de tonelada por hectare, você imagina agora, utilizando o bagaço, a gente pode crescer os outros 40% (incompreensível) salto de qualidade (incompreensível).

E tudo isso porque um dia alguém teve coragem de investir em pesquisa neste país, porque um dia alguém acreditou na inteligência do povo brasileiro, e é isso que nós nunca mais poderemos deixar de acreditar. Dê oportunidade que este povo vai para a frente. E eu espero, Rogério, que você, que é a figura pública mais visível desse mundo intelectual de Campinas, da Unicamp, dos pesquisadores, cada vez que eu vier a Campinas “ah, vai ter uma reunião com o Rogério Cerqueira Leite”, então... Então, eu penso, Rogério, que você vai, você vai viver, vai viver para ver que nesses próximos dez ou 15 anos nós vamos dar um salto de qualidade neste país. E eu espero que este laboratório, este laboratório possa utilizar todo o potencial que ele tiver, e se for preciso, crescer mais do que ele já está crescido, para que a gente possa transformar o etanol no combustível mais apreciado e mais utilizado do mundo.

Parabéns aos companheiros do Laboratório, parabéns aos pesquisadores e parabéns ao povo de São Paulo e à cidade de Campinas.

Um abraço.

(\$211A)